

# Tirinhas ainda muito atuais



Divulgação

trole de suas nações, em tempos de jugo ditatorial. Em solo espanhol, ela chegou a ser publicada com uma tarja, “É um quadrinho para adultos!”, como forma de alertar mães e pais de seu teor subversivo. Sempre preocupada com a paz mundial, Mafalda se rebela com o estado de coisas de um mundo assolado pelo capitalismo. Diz num de seus cartuns mais famosos: “Vamos tomar vacina contra o ódio!”. Retruca os detratores de sua forma arredonda a dizer: “Não sou gorda, sou repleta de amor”. Seu existencialismo foi comparado ao Charlie Brown, de Charles Schulz (1922-2000), embora carregue uma atitude mais mordaz do que a postura “paz e amor” do dono do Snoopy.

Antes de brilhar no mercado de artes gráficas, Mafalda foi esboçada num reclame comercial publicitário de 1963, feito por Quino sob encomenda para uma propaganda da empresa de eletrodomésticos Mansfield, a ser publicada no diário “Clarín”. Quino recebeu a missão de criar uma personagem cujo nome deveria começar com “Ma”, para lembrar o nome da firma. Com base no filme “Dar La Cara” (1962), de José Martínez Suárez, estrelado pelo mítico cantor e cineasta Leonardo Favio (1938-2012), o cartunista bolou o perfil de sua estrela de papel. Há uma sequência desse longa na qual duas pessoas discutem ao lado do berço de um bebê chamado Mafalda.

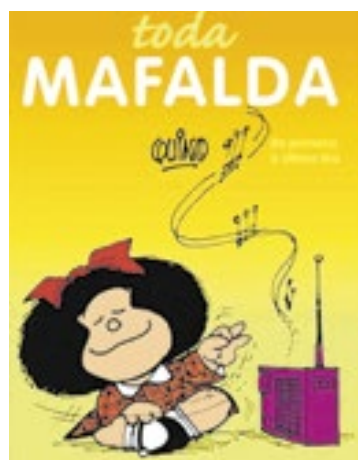
Divulgação

**M**afalda foi lançada em 29 de setembro de 1964, no semanário “La Plana”. Ao mesmo tempo em que a venda de seus álbuns (editados no Brasil pela Martins Fontes) aquece, a Netflix prepara uma série animada com ela, desenvolvida pelo diretor Juan José Campanella, consagrado com o Oscar por “O Segredo Dos Seus Olhos” (2009).

Tem Mafalda por todo lado na web. Logo que se entra no site da Martins Fontes, encontram-se compilações das tramas de Quino, como “Nesta Família Não Há Chefes”, “Feminino Singular” e o precioso “Todas as Tiras”. Já no buscador da Amazon, chega-se a um “Toda Mafalda” de capa dura. Na Europa, em solo ibérico, a Nes-



*Criador e criatura: Quino deixou de criar tiras da Mafalda em 1973, mas sua obra segue plena em contemporaneidade, inspirando compilações e coletâneas da menina mundo afora*



tlé lança uma linha de chocolate ao leite com a carinha da gurja na embalagem.

Best-seller com direito a estátuas em Buenos Aires, Mafalda ganhou um longa-metragem de animação com seu nome em 1982, dirigido por Carlos D. Márquez, que hoje pode ser visto no YouTube. Logo na sequência



de abertura, ela desfila ironia: “A primavera é o que há de mais publicitário na vida”.

Reza a lenda que Quino teria publicado um total de 1.928 tiras estreladas por sua desbocada criação, que sofreu com a censura fardada de vários países sul-americanos (e na Espanha de Franco) onde generais se meteram no con-

A tal campanha publicitária acabou suspensa, mas ela acabou ganhando periódicos como “Mundo” e “Siete Días Ilustrados”, alcançando espaço nobre no miocárdio do público leitor. Até o início da década de 1970, Quino seguiu firme e forte com sua produção diária, até se estafar. “É uma escravidão”, dizia, numa lógica marxista, fechando a fonte em 1973. Só voltou a desenhá-la em campanhas humanistas, como um pôster da UNICEF, de 1976, usado para promover a Declaração Universal dos Direitos da Criança.

Hoje “Mafalda” é editada em 30 países, traduzida em 16 idiomas. Milei que se cuide.